



A LAUDATO SI' NA PERSPECTIVA DO MÉTODO: “VER, JULGAR E AGIR”

The Laudato Si' from the perspective of the “see, judge and act” method

José Neivaldo Souza *

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma análise da Carta Encíclica *Laudato Si'* apresentada pelo Papa Francisco sob o método “ver, julgar e agir”. A Carta é uma reflexão ampla, de perspectiva antropológica, em que a questão ecológica ocupa o lugar central. O Pontífice pretende alcançar, não só o público católico, mas a todos os cidadãos da terra para que tomem consciência da exploração desmedida e predatória do ser humano em relação ao planeta e, com isso, à luz das Escrituras e do pensamento cristão, encontrem novas saídas para a solução dos problemas. Além de ressaltar o pensamento do Papa esta reflexão quer revelar o método que, de forma singela, aparece nas entrelinhas do texto: “ver, julgar e agir”. Assim, na mesma metodologia de Francisco, este artigo aborda três tópicos diversos: 1) Um olhar sobre “nossa casa comum”; 2) Pensar a Criação à luz dos princípios da fé cristã; 3) Ação: por uma ecologia integral. A fonte primária deste estudo é a Carta Encíclica “Laudato si’”, porém, consideram-se também outras referências que ajudam a aprofundar algumas questões levantadas por Francisco nesta Carta Encíclica.

PALAVRAS CHAVES: Criação. Ecologia. Teologia. Bíblia, Igreja.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze the Encyclical Letter *Laudato Si'* presented by Pope Francis under the “see, judge, act” method. The Letter is a broad reflection of the anthropological perspective in which the ecological question occupies the central place. The Pope intends to reach not only the Catholic public, but all citizens of the earth so that they become aware of man’s uncontrolled,

* Professor na Faculdade Batista do Paraná. Artigo submetido a avaliação em 13.12.2015 e aprovado para publicação em 02.02.2016.

predatory exploitation as regards the planet, in order to find, in the light of both the Scriptures and Christian thought, new solutions to solve the problems. This reflection, besides emphasizing Pope Francis' thought in this Encyclical, wants to reveal the method which appears, beneath the surface, in the text: "see, judge, act". Thus, using the same methodology as the Holy Father, this article discusses three topics: 1) the renewed look at "our common home"; 2) thinking the creation in the light of the Christian faith; 3) action for an integral ecology. Although the primary source of this study is the Encyclical Letter *Laudato Si'*, other references are also considered that help to deepen some issues raised by Francis in this Encyclical Letter.

KEYWORDS: Creation. Ecology. Theology. Bible. Church.

Introdução

A partir do final do século XIX a fé cristã se vê desafiada ao confrontar-se com as novas realidades. Ainda que a relação cristianismo e sociedade fizesse parte da História da Igreja, as exigências da modernidade fizeram com que a Igreja buscasse novas formas de abordagem teológico-pastorais. Em 1961 ao celebrar os setenta anos da *Rerum Novarum* (15/05/1891), sob o Pontífice Leão XIII, o Papa João XXIII trouxe a público a Carta Encíclica *Mater et Magistra* (MM) comunicando qual seria a orientação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Nesta Carta ele ressalta a eficácia do método "Ver, Julgar e Agir" já aplicado nas ações pastorais da juventude católica belga no que se refere à relação Igreja e sociedade. João XXIII decidia por um caminho mais prático na realização dos princípios e das diretrizes pastorais da Igreja no mundo. O método "Ver, Julgar e Agir" consistia em harmonizar três fases específicas: observar a situação; analisá-la à luz dos princípios e diretrizes cristãs; determinar as ações segundo a urgência e exigências da realidade (cf. MM, n. 235).

Em continuidade à mensagem social de Leão XIII "sobre a condição dos operários", João XXIII recordava que a *Rerum Novarum* foi uma voz em favor dos menos favorecidos (MM, n. 15) e exortava "os homens de boa vontade" a realizarem, no mundo do trabalho, os conhecimentos adquiridos e assimilados dos princípios e diretrizes sociais da Igreja (cf. MM, n. 236). O reconhecimento de João XXIII, em relação ao método, fortaleceu o agir pastoral da Igreja frente aos desafios da modernidade. Mais tarde, no evento da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida (2007), sob as orientações de João Paulo II e Bento XVI, foram acrescentados dois passos, devido à importância dos temas tratados: "avaliar" e "celebrar". Para Francisco Catão o método "ver-julgar-agir" é "um dos pontos que define a originalidade da V Conferência em relação às anteriores", pois mantém a continuidade de Medellín e Puebla, apesar da

omissão de Santo Domingo. Para ele, este resgate foi uma das principais tarefas de Aparecida (cf. CATÃO, 2007, p. 61).

Laudato Si' (LS)¹ é desenvolvida nesta metodologia ao partir de uma realidade que clama e espera ser ouvida. Diferente das Encíclicas anteriores, que ressaltavam a alteridade face às relações humanas, esta, de forma mais abrangente, aborda uma preocupação que se estenderá às gerações futuras, se não houver uma intervenção consciente do ser humano sobre a natureza. Apesar do otimismo teológico, herdado de São Francisco de Assis, há uma preocupação do Papa com a perda e a beleza da criação. É preciso, segundo ele, “tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece com o mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS, n. 18).

“Ver” não é só um olhar sobre a realidade sócio-político-econômica, mas é um observar integral. Ao utilizar-se deste método, a teologia cristã pretende ser hermenêutica, isto é, deixar de ser simplesmente tradutora da tradição, para ser “aggiornamento”² ou atualização da ação de Jesus de Nazaré no meio dos pobres. Sob o movimento do “Ver”, Francisco observa a realidade ambiental e as raízes da crise ecológica escondidas sob os escombros do antropocentrismo moderno. Ele adota um caminho mais indutivo onde se considera a realidade em suas particularidades e unidade.

“Julgar” não se limita a analisar as Sagradas Escrituras, mas também buscar luzes e orientações nas doutrinas da Igreja e nos valores éticos oferecidos pela cultura cristã. Este método, desenvolvido pela teologia pós-conciliar, principalmente pela Teologia da Libertação, pretende responder às questões básicas do fazer teológico: quem faz teologia? Quando? Onde? Para quem? Sob o movimento do “Julgar”, Francisco busca à luz da fé e das Escrituras Sagradas, uma reflexão que aborde a criação como um mistério a ser preservado na comunhão universal. Sob o movimento do “Agir” aponta para uma ecologia integral e mostra linhas de ações concretas construídas a partir dos diálogos políticos, da educação e das espiritualidades.

Sob este método³ o Sumo Pontífice apresenta sua análise em relação à “casa comum” e espera que o leitor ultrapasse a confissão católica e se coloque em debate com todos os que se preocupam com os rumos do planeta terra.

¹ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015. Obs. As referências serão feitas a partir dos números dos parágrafos já que este texto foi publicado por várias editoras.

² Palavra italiana introduzida pelo Papa João XXIII. O Sumo Pontífice pretendia “atualizar” a doutrina da Igreja católica às urgências do mundo moderno. Este conceito aparece em sua primeira Encíclica apontando para o objetivo do Concílio Vaticano II: “promuovere l’incremento della fede cattolica, e um salutare rinnovamento dei costumi del popolo Cristiano e di aggiornare la disciplina ecclesiastica secondo le necessità dei nostri tempi” (PAPA JOÃO XXIII. *Ad Petri Cathedram* (29/06/1959, III, 33).

³ Bernard Lonergan fala de quatro níveis sucessivos e relacionados, apesar de qualitativamente diferentes, que ajudam a pensar o método pelo qual o Papa faz sua análise: o nível *empírico*

1 Um olhar sobre “nossa casa comum”

Francisco propõe, nesta encíclica, que o leitor observe, escute e conheça a crise pela qual passa a “nossa casa comum” (LS, n. 13). Importa observar, à distância, os problemas e desafios que esta realidade comporta e ouvir o clamor dos mais vulneráveis da terra. Ele convida a uma tomada de posição ao apontar para alguns problemas urgentes: a poluição do ar e da água, as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a deterioração e degradação da vida humana, a desigualdade planetária e a globalização tecnocrática.

A poluição e as mudanças climáticas

Há algumas formas de poluição que afetam diretamente a saúde da população e atingem, de forma destruidora, os bens necessários à vida. O Papa aborda de forma clara e objetiva este problema ao observar que o ar e a água, ao serem expostos a poluentes causados pelos transportes, indústrias, agrotóxicos e resíduos tóxicos e radioativos, podem transmitir todo tipo de doenças e provocar mortes prematuras, particularmente aos mais pobres (cf. LS, n. 18). Alerta que a poluição interfere diretamente nas mudanças climáticas, agravando ainda mais a situação face à biodiversidade do planeta, pois tem a ver com a grande quantidade de gases de efeito estufa, lançada à atmosfera pela ação humana.

Há uma preocupação atual sobre as mudanças climáticas e se volta principalmente para o processo de aquecimento global. O Papa não se coloca alheio a este problema. O clima, como se sabe, é regulado pela biosfera, por meio dos gases do efeito estufa (vapor de água, dióxido de carbono, ozônio, CFCs). Estes gases são fundamentais para regular a temperatura em favor da sobrevivência das espécies, pois absorve uma parte dos raios (65%), emitidos pelo sol transformando-os em calor e, direciona outra parte (35%) ao espaço, como radiação infravermelha (cf. RAMOS, 2006, p. 21). A alteração nestes gases pode mudar a temperatura e causar alguns danos como: desertificação, inundações, furacões, tufões, ciclones e tempestades tropicais. A poluição do ar, por parte das indústrias, juntamente com a queima de combustíveis fósseis, o desmatamento⁴ e outras ações humanas aumentam demasiadamente o excesso de gases na biosfera impedindo que parte dos raios volte para o espaço e provoque uma elevada temperatura do planeta.

no qual nos movemos e o percebemos; o nível *intelectual* no qual comunicamos o que foi compreendido e o nível *racional*, em que evidenciamos e julgamos a verdade ou a falsidade. Os dois constituem o nível do juízo; o nível *responsável*, em que deliberamos acerca das nossas atitudes e colocamos em prática nossas decisões acerca do que é bom e justo (Cf. LONERGAN, 2012, p. 23-24).

⁴ O desmatamento voltou a crescer nos últimos anos na Amazônia brasileira. Os últimos dados, segunda a Folha de São Paulo mostram: 28% entre agosto de 2012 e julho de 2013.

James Lovelock, há tempos, vem alertando sobre a exploração abusiva da terra, observando que ela poderá voltar ao calor de 55 milhões de anos atrás e, se por acaso isso acontecer, será a morte para a maioria dos seres humanos (cf. LOVELOCK, 2006, p. 15). Nesta linha, o Papa chama a atenção para os impactos e se preocupa com essa maioria dos seres humanos, entende que ela seria composta de pessoas mais pobres, dependentes das reservas naturais, da agricultura de subsistência, da pesca e de outros recursos florestais e que não tem condição de enfrentar as catástrofes devido à falta de recursos econômicos e sociais (cf. LS, n. 25). Esta preocupação de Francisco pelos mais pobres é um traço da teologia católica latino-americana.⁵

De fato, a poluição e as mudanças climáticas influem de forma negativa nos bens necessários à saúde humana e Francisco traz à consciência humana uma reflexão. Para ele, não há recursos necessários para enfrentar a crise ecológica porque, de um lado, persiste o mito do progresso desenfreado e, do outro, um pessimismo acomodado que não vê outra solução a não ser esperar o fim, já que qualquer intervenção humana redundaria em prejuízo. Já se ultrapassou o limite máximo de exploração da terra e não se preocupou com a preservação dos lençóis freáticos, sempre “ameaçados pela poluição produzida por algumas atividades extrativas, agrícolas e industriais” (LS, n. 29).⁶ As palavras de Francisco apontam para o fato de que, a produção de riqueza, em detrimento dos mais necessitados, tende a privatizar e controlar a água tornando-a, no futuro, uma mercadoria geradora de grandes conflitos mundiais. As estatísticas acerca do consumo de água preocupam: “Segundo dados da ONU, mais de 2 bilhões de pessoas enfrentam escassez de água e, até 2025, esse número deve saltar para 4 bilhões, ou 50% da população prevista” (RAMOS, 2006, p. 25).

A poluição do ar e da água e outros fatores favoráveis às mudanças climáticas redundam em perda de biodiversidade e tem a ver com atividades humanas que, sob a égide de um sistema financeiro, que vive da exploração e do consumo, provocam catástrofes planetárias, como bem escreve o Papa: “As estradas, os novos cultivos, as reservas, as barragens e outras construções vão tomando posse dos *habitat* e, por vezes, fragmentam-nos de tal maneira que as populações de animais já não podem migrar nem se mover livremente, pelo que algumas espécies correm o risco de extinção” (LS, n. 35).

⁵ Procura em sua teologia articular fé cristã e práxis libertadora. Situada dentro da realidade dos pobres, a fé se sensibiliza à exploração dos marginalizados e a entende como situação de pecado (Cf. BOFF, 1978, p. 11).

⁶ Aqui se pode pensar a catástrofe provocada pela extração de minério na região metropolitana de Mariana MG. O rompimento da represa de dejetos poluiu o grande Rio Doce comprometendo a biodiversidade de dois grandes estados: Minas Gerais e Espírito Santo. A maior catástrofe natural na História do Brasil e que já fora prevista nas entrelinhas da Encíclica quando aponta para a exploração sem medida dos bens naturais.

A degradação da qualidade de vida

A degradação dos bens naturais se estende à degradação da qualidade de vida e Francisco, em sua Carta, propõe uma consciência mais crítica frente a esta realidade. Faz ver que o inchaço de muitas cidades, verdadeiras selvas de pedra, é um sinal de que a vida não está em primeiro plano: “Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas de uma verdadeira degradação social, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social” (LS, n. 46).

A degradação ambiental, humana e social, leva à desigualdade e afeta a qualidade de vida dos mais pobres. Ao citar a Carta Pastoral da Conferência Episcopal da Bolívia, observa: “tanto a experiência comum da vida cotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres” (LS, n. 48). Isso se constata também em relação às nações subdesenvolvidas, pois não é raro que empresas multinacionais, sem o cuidado devido de proteção ao meio ambiente, quando se retiram deixam grandes desastres ambientais e danos humanos como, escreve Francisco: “como desemprego, aldeias sem vida, esgotamento de algumas reservas naturais, desflorestamento, empobrecimento da agricultura e pecuária local, crateras, colinas devastadas, rios poluídos e algumas poucas obras sociais que não se podem sustentar” (LS, n. 51). Em tudo isso se percebe que a raiz desta crise se encontra na postura antropocêntrica da modernidade.⁷

As raízes da crise ecológica

A mãe terra geme e conclama a uma política internacional que reaja à aliança entre economia e tecnologia. Para o Papa, além das ações locais, é preciso fortalecer as cúpulas mundiais sobre o meio ambiente frente ao poder tecnológico, próprio do antropocentrismo moderno. O domínio tecnocrático leva a um estilo de vida do qual não se pode mais abrir mão e, por isso, impõe a ideia de que, quem não se inclui nesta realidade está excluído da cultura. Para Francisco, a técnica, sem uma postura ética, dificilmente vai se questionar e limitar o seu poder, ainda mais se, unida a uma economia e atrelada a uma política antropocêntrica, pensa somente no lucro sem se importar com os valores humanos.

De fato, a preocupação do Papa é ética. José Roque Junges, ao traçar o perfil do antropocentrismo débil ou mitigado, observa que apesar de admitir deveres e responsabilidades, em relação ao meio ambiente e às gerações futuras, “os seus critérios para as restrições são os interesses, as necessidades ou as preferências humanas e não tanto a natureza em equilíbrio e

⁷ Por modernidade entende-se: um período da história em que a razão humana, em sua tendência cientificista, se acha capaz de construir o ser humano um paraíso de prosperidade na terra (cf. SOUZA, 2010, p. 142).

harmonia” (JUNGUES, 2004, p. 14). Esta é uma realidade que favorece um tipo de desenvolvimento baseado na exploração e na substituição da mão de obra humana pelas máquinas, como bem escreve o Papa: “A vida passa a ser uma rendição às circunstâncias condicionadas pela técnica, entendida como o recurso principal para interpretar a existência” (LS, n. 110).

Qual seria a solução para este antropocentrismo desordenado? Um biocentrismo radical?⁸ No estilo de vida desordenado tudo é volúvel e cabe ao indivíduo definir suas próprias verdades, segundo o valor dos próprios interesses, porém o biocentrismo também, segundo o Papa, ao tentar resolver os problemas ambientais, pode negligenciar a dignidade humana e, se não há valores estáveis fora dos interesses puramente imediatos, “que limites pode haver para o tráfico de seres humanos, a criminalidade organizada, o narcotráfico, o comércio de diamantes ensanguentados e de peles de animais em vias de extinção?” (LS, n. 123).

Para Francisco há uma fraqueza da política internacional que, diante do poderio da tecnologia e da economia, não tem forças para reagir nas cúpulas mundiais em defesa do ecossistema. Até consegue acordos em ações superficiais, filantropias isoladas, porém sem maiores comprometimentos, pois os argumentos redundam sempre em extremismos, sejam antropocêntricos ou biocêntricos: de um lado os que defendem o “progresso” a todo custo; do outro a negação da intervenção humana como prejudicial a todo ecossistema. Francisco motiva a todos, à luz da esperança evangélica, a não “frustrar a expectativa divina” e “reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS, n. 61).

2 Pensar a criação à luz dos princípios da fé cristã

Neste segundo passo, é importante que o leitor, assim como Francisco em sua Carta, julgue a crise ecológica à luz das Escrituras e dos princípios cristãos. Uma análise acurada dispensa qualquer tipo de fundamentalismos bíblicos ou doutrinários, pois o que importa é verificar a causa da injustiça e da falta de amor em relação aos mais vulneráveis. Em outras palavras, Francisco propõe uma nova hermenêutica que interprete a doutrina da criação sob a ótica do cuidado. Esta atenção do papa é acima de tudo ecumênica e se pode ver esta preocupação no Teólogo protestante Jürgen Moltmann que traz uma teologia que repensa certas interpretações que dão

⁸ José R. Junges observa que há dois tipos de Biocentrismo: mitigado e global. O primeiro, parte do princípio de que todo “sujeito de vida” capaz de sentir dor, prazer e ainda se organizar é merecedor de respeito. O segundo faz uma forte oposição ao antropocentrismo e observa que “merecem consideração moral não tanto entidades individuais, mas os conjuntos sistêmicos (ecossistemas, biosfera, cadeias alimentares, fluxos energéticos)” (JUNGES, 2004, p. 23).

um sentido de preservação e cuidado em relação à natureza (cf. MOLT-MANN, 1983). Nesta orientação, o Papa propõe que o ponto de partida teológico seja: o Deus dos cristãos, além de ser o Criador do universo, manifestado no Antigo Testamento, é o libertador dos pobres e oprimidos revelado no Novo Testamento e anunciado pela Igreja como salvação.

O Deus Criador e Libertador se manifesta na pessoa e na proposta de Jesus Cristo. Francisco lembra que no início de seu ministério Jesus deixa clara sua missão: evangelizar os pobres, curar os sofrendores, libertar os cativos, devolver a visão aos cegos e libertar os oprimidos (Lc 4, 15-21). Importa compreender, à luz dos princípios bíblicos e das orientações teológicas da Igreja, que a comunidade de fé é destinatária de uma nova consciência. Por isso, insatisfeita com as injustiças, ela é capaz de julgar esta realidade em vista de uma sociedade mais justa e igualitária. Eis o segundo passo sob o qual Francisco analisa a crise ecológica.

A sabedoria do Antigo Testamento

São diversas as formas de interpretar a realidade e, por isso, não só as ciências podem ter acesso à verdade, mas as narrativas culturais, a arte e a espiritualidade de um povo. Sob esta premissa, Francisco considera as narrativas veterotestamentárias um patrimônio do saber sobre as relações dos seres humanos com Deus, com o próximo e com a terra.

Ao evocar o primeiro livro sagrado, o autor observa que não só a criação, mas o próprio ser humano, plasmado à imagem e semelhança divina, é um ato de amor e, portanto, “todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso” (LS, n. 65). Para ele, o pecado é a ruptura na relação com Deus, com o próximo e com a terra. Assim, uma interpretação, sob a ótica do amor, foi desviada por conta da pretensão humana de querer ser Deus e ter o domínio sobre todas as coisas. A criação que deveria ser cuidada passa a ser dominada, segundo os interesses puramente humanos, favorecendo assim uma interpretação fora de contexto (cf. LS, n. 67).

Francisco observa que a Bíblia lembra ao ser humano, numa justa hermenêutica, que a vida corre perigo exatamente quando há uma ruptura nas relações: o descuido em relação ao próximo, a exemplo de Cain e Abel (Gn 4,9-12) é, a um só tempo, descuido com o “eu” interior, em relação a Deus e a terra. O pecado ou este descuido, foi o motivo, como ensina a narrativa de Noé, pelo qual o Criador decide pôr fim à humanidade (Gn 6,5-13) e restabelecê-la segundo a lei da “não exploração do outro”, o *Shabbath* (Gn 2,2-3; Ex 16,23; 20,10) e do equilíbrio entre as criaturas (Lv 25,1-4).

Também os Salmos e os escritos proféticos são uma lembrança de que Deus é o Criador e convidam o ser humano a louvá-lo (Sl 135, 136, 148)

e a depositar Nele toda confiança e esperança. Segundo o Sumo Pontífice, à luz das Escrituras, o ser humano deve se colocar como filho e criatura, abandonando a pretensão de um poder que visa a exploração do outro: “caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses” (LS, n. 75).

Para ele a “criação” tem a ver com o projeto de amor, pois cada criatura foi colocada neste mundo para receber cuidado, cada uma tem o seu papel, até o ser mais insignificante aos olhos humanos, tem o seu valor aos olhos de Deus. A presença de Deus garante em cada ser vivo a obra da criação, por isso o ser humano foi plasmado à imagem do criador para não esquecer que cada criatura é um elo digno de cuidado: “é evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta” (LS, n. 91). A preocupação pela criação deve ter na base o amor fraterno e, por isso, urge uma nova interpretação que dignifique a relação: Criador e criatura e não tome o cuidado ambiental como uma atividade dos fracos.

A sabedoria do Novo Testamento

Diante de uma visão de mundo onde os mais fortes sempre são os vencedores, justificados por imensas desigualdades, injustiças e violências, onde os recursos naturais são cada vez mais concentrados nas mãos de poucos, em detrimento de uma grande maioria, há um modelo de harmonia, justiça e fraternidade, apresentado por Jesus Cristo. Nesta direção, o Bispo de Roma observa que Jesus, em seu ensinamento, traz uma novidade: ela não está no poder dos grandes e opressores, mas no cuidado com os mais fracos e desprovidos deste mundo. O ser humano, “atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador” (LS, n. 83).

De fato, Jesus tem um olhar atento sobre a Criação e isso aparece na medida em que chama Deus de Pai. Sob o olhar de Jesus, Deus tem uma relação paterna com todas as criaturas: não abandona os pardais e os passarinhos (Lc 12,3; Mt 6,26) e o seu Reino é compreendido na relação de um grão de mostarda com a terra (Mt 13,31,32). O teólogo Leonardo Boff recorda que a dimensão cósmica de Cristo é também ecológica:

O corpo de Jesus, portanto, possui a mesma origem ancestral e até com materiais da poeira cósmica que podem ser mais antigos que nosso sistema solar e planetário. O ferro que corria em suas veias, o fósforo e o cálcio que fortificavam seus ossos, o sódio e o potássio que permitiam a transmissão de sinais através de seus nervos, os 65% de oxigênio que compunham o seu corpo e os 18% de carbono, tudo isso faz que sua encarnação seja realmente cósmica (BOFF, L., 2006, p. 163).

São Paulo escreve que também no pobre de Nazaré Deus revela que todas as coisas foram criadas e recapituladas em Cristo (Cl 1,16; 1Cor, 15,28). Considerando o olhar de Jesus e da Igreja que, com fé, compreende a sua mensagem recriadora, Francisco observa que as criaturas trazem em si o mistério do ressuscitado que as conduz à plenitude: “as próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa” (LS, n. 100).

A sabedoria da Igreja

O Papa não escreveu esta carta sem a consulta dos diversos documentos produzidos à luz do mesmo Espírito que inspirou os pensadores da Igreja a produzirem um edifício de verdades sobre princípios bíblicos e morais. Na trilha de seus antecessores, João Paulo II e Bento XVI, o autor espera desenvolver uma síntese que fuja das radicalidades antropocêntricas e biocêntricas: “O próprio Cristianismo, mantendo-se fiel à sua identidade e ao tesouro de verdade que recebeu de Jesus Cristo, não cessa de se repensar e reformular em diálogo com as novas situações históricas, deixando desabrochar assim a sua eterna novidade” (LS, n. 121). Voltado para a tradição teológica, sob a orientação da relação fé e razão, igreja e mundo, ele resgata alguns pensadores importantes a fim de lançar um olhar da igreja sobre a crise ecológica: “a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão” (LS, n. 63).

Francisco encontra nos Padres da Igreja este diálogo. Neles há um pensamento conciso acerca da preservação da criação⁹ como se pode encontrar em Justino de Roma e São Basílio Magno. A criação, na concepção de Justino, o mártir, está preta do sêmen do Logos e, por isso, sua bondade é incalculável, como defendia São Basílio (cf. LS, n. 77).

Também, como os seus antecessores, desde Leão XIII, Francisco recorre à filosofia perene de Tomás de Aquino a fim de sustentar que a fé, longe de ser irracional, se sustenta no diálogo com a razão. Pensar a natureza deve ser um exercício constante da fé cristã. Tomás de Aquino, auxiliado pela filosofia aristotélica¹⁰, entendeu que é Deus, este motor imóvel e princípio de todas as coisas, quem garante em cada ser sua ação criadora (cf. LS, n. 80).

⁹ “Talvez a síntese do pensamento patrístico possa ter maior expressão nas palavras de Gregório de Nissa (*A Criação do Homem*, 161 c): “A divindade é o Bem supremo, para que tendem todos os seres possuídos do desejo do Bem” (cf. SOUZA, 2010, p. 54).

¹⁰ Hans Jonas observa que as ideias de beleza e perfeição, estranhas à física moderna, eram naturais à cosmologia grega, principalmente sob a visão aristotélica, que influenciaria mais tarde a filosofia cristã de Tomás de Aquino: a perfeição do movimento celeste, imaginada sob a figura do círculo, denota a mais pura encarnação da natureza divina (racional). Aproximação temporal ao repouso intemporal (cf. JONAS, 2004, p. 119).

A teologia do Papa Francisco dialoga com o pensamento contemporâneo nas pessoas de Romano Guardini, Teilhard Chardin e Paul Ricoeur. De Guardini apreende a ideia de que se o ser humano moderno não fora educado para o reto uso do poder, a meta em direção ao verdadeiro poder só pode ser alcançada através de Cristo, fulcro da maturação universal, ideia que aparece no pensamento de Teilhard Chardin e que repercute na hermenêutica de Paul Ricoeur ao tratar a sacralidade como um processo pelo qual o ser humano decifra em sua relação com a criação (cf. LS, n. 83 e 85).

Sob as reflexões do Catecismo da Igreja Católica, Francisco argumenta que entre as criaturas há um elo interdependente e elas só se complementam no serviço uma das outras. Elas refletem cada uma a seu modo, “uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas” (LS, n. 69 e 89).

3 Ação: por uma ecologia integral

Ao estudar as dificuldades da vida e julgá-la à luz dos princípios bíblicos e diretrizes teológico-pastorais, a Igreja, sob a direção do Papa Francisco, propõe ações eficazes na construção de um novo mundo. Partindo da realidade dos mais vulneráveis ela, à luz de uma fé genuína, desce à base para discutir, dialogar, formar, avaliar e celebrar a esperança numa vida digna para todos. Neste sentido a Encíclica *Laudato si'* aponta soluções que integrem os sistemas naturais e sociais. Em outras palavras, ela apresenta uma ecologia integral que combate a injustiça e a exclusão através do diálogo e de uma educação solidária.

Por uma ecologia integral

Uma ecologia integral se responsabiliza, não só pelas espécies animais e vegetais, mas pelos direitos dos povos e das culturas. Ela não separa vida humana e bem comum e, onde há esta separação, quem mais sofre por conta desta injustiça são os mais vulneráveis, pois como bem escreve o Papa: “o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS, n. 158). Nesta direção, Francisco se preocupa também com as gerações futuras e observa que todo discurso acerca do desenvolvimento sustentável deve comportar uma “solidariedade intergeracional”. Para que o projeto de uma ecologia integral possa ser desenvolvido, ele aponta para algumas linhas de ação que tem em sua base o diálogo: o diálogo para políticas internacionais; diálogo para novas políticas nacionais e locais; diálogo ante as intervenções sobre o meio ambiente; diálogo da política com a economia; diálogo das religiões com as ciências e diálogo na educação.

O diálogo favorece a um consenso mundial tornando possível novas políticas internacionais acerca da agricultura sustentável, de geração de energias renováveis, de preservação das florestas e mares e de garantia do acesso à água potável. Para o Papa muito se conquistou com o movimento ecológico internacional, porém as cúpulas mundiais ainda não conseguiram corresponder às expectativas, apesar de aceitarem a declaração de Estocolmo (1972) sobre a cooperação de todos no cuidado com a terra. Os “acordos tiveram um baixo nível de implementação, porque não se estabeleceram adequados mecanismos de controle, revisão periódica e sanção das violações” (LS, n. 167). Urge, segundo ele, uma postura mais comprometida das cúpulas, principalmente em relação aos países que mais poluem: “São necessários padrões reguladores globais que imponham obrigações e impeçam ações inaceitáveis como o fato de países poderosos descarregarem, sobre outros países, resíduos e indústrias altamente poluentes” (LS, n. 173).

O diálogo internacional e local na busca do bem comum

Uma política internacional que preze pelo bem comum o ecossistema, favorece o diálogo para novas políticas nacionais e locais. Francisco observa que, apesar da impotência das cúpulas mundiais,¹¹ a instância local revela alguns sinais de solidariedade, principalmente no favorecimento da agricultura para as regiões mais pobres e na exploração de energias renováveis.

Para ele uma ação favorável ao meio ambiente e à relação humanidade e natureza está no diálogo transparente e nas tomadas de decisões. Um estudo de impacto ambiental não deveria vir depois, mas anterior a qualquer projeto de produção ou exploração da natureza, pois deve ser pensado e debatido de forma sincera e responsável seja no aspecto político e científico: “há de inserir-se desde o princípio e elaborar-se de forma interdisciplinar, transparente e independente de qualquer pressão econômica ou política. Deve aparecer unido à análise das condições de trabalho e dos possíveis efeitos na saúde física e mental das pessoas, na economia local, na segurança” (LS, n. 183).

É fundamental que, ao pensar no bem comum, a política dialogue com a economia e que não haja manipulação desta sobre aquela. Para Francisco é no diálogo que se pode reagir a “uma concepção mágica do mercado”. Com isso, ele quer dizer que a ideia mercadológica se sobressai a toda tentativa de encontrar soluções sustentáveis para a crise, pois, segundo esta concepção o crescimento dos lucros, sejam de indivíduos ou empresas, pode resolver todos os problemas humanos e ecológicos (LS, n. 190).

¹¹ De fato, líderes de mais de 190 países se reuniram de 7 a 11 de dezembro 2015 em Paris, para debater sobre metas e fechar um acordo sobre o controle da emissão de gases poluentes na atmosfera. A maior dificuldade foi afinar um diálogo que pudesse fechar um acordo comum a todos.

Nesta direção, observa Francisco, é preciso repensar a cultura atual numa perspectiva dialogal: “A política e a economia tendem a culpar-se reciprocamente a respeito da pobreza e da degradação ambiental. Mas o que se espera é que reconheçam os seus próprios erros e encontrem formas de interação orientadas para o bem comum” (LS, n. 198).

Para o bispo de Roma todas as instâncias de poder devem dialogar em favor de “nossa casa comum” e, por conta disso também as religiões devem assumir este papel, principalmente em relação ao seu opositor maior: as ciências. Não se pode investir no fato de que as ciências, a partir de seu método experimental, possui toda verdade sobre a vida e a morte. Também a religião tem um papel importante em sua proposta de sentido para a existência humana. É fundamental que ela reconheça os avanços das ciências e que estas reconheçam a coerência da linguagem religiosa perante a vida. Francisco exorta aos crentes para que continuem perseverantes numa fé sem contradições, nutrindo-se das convicções sobre o amor, a justiça e a paz, mas que também se abram ao diálogo com outras crenças e com as ciências visando o cuidado com a natureza: “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que “a realidade é superior à ideia” (LS, n. 201).

O diálogo na educação e nas espiritualidades

O diálogo na educação deve apontar para outro estilo de vida, que tenha na base a aliança entre ser humano e natureza, pois, como escreve o Papa: “Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro” (LS, n. 208). Uma educação cristã, comprometida com a sustentabilidade do planeta, leva a uma conversão ecológica integral, isto é, não só a uma consciência crítica acerca da realidade, mas uma transformação prática nos hábitos e no modo de existir neste mundo.

Urge um programa de educação ambiental que não fique somente nas informações sobre os riscos, mas que seja crítica face aos “mitos” do progresso e do poder do capital. Neste sentido ele propõe que haja uma ação em favor do equilíbrio ecológico: “o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (LS, n. 210). Eis uma educação ambiental responsável que, alicerçada na compaixão e no cuidado, ajuda a crescer no diálogo e na solidariedade. Uma educação ambiental, neste estilo, é capaz de pensar globalmente e agir localmente em pequenas atitudes cotidianas:

Evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias...

Tudo isto faz parte de uma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano (LS, n. 211).

Francisco, a partir da fé cristã, propõe algumas linhas de espiritualidades ecológicas. Para ele há motivações que derivam daí e que alimentam um sentimento de solidariedade em relação ao mundo, mas para que isso possa ser revelado é preciso uma conversão interior. Ele recorda o modelo de São Francisco de Assis que, ao renunciar aos bens individuais, se fez solidário formando uma “rede comunitária” com os mais necessitados, inclusive com a criação. Esta conversão permite, segundo ele, uma sobriedade libertadora, um senso de gratidão a Deus, o Criador, e um regozijo na lida com as coisas deste mundo: “é um regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece, sem nos apegarmos ao que temos nem nos entristecermos por aquilo que não possuímos” (LS, n. 222).

Para o autor, Jesus trouxe de volta o senso de filiação, lembrando que Deus é Pai e, por isso, o amor fraterno só pode ser gratuito e universal. Vale a pena ser bom e honesto, quebrando a lógica da injustiça e fortalecendo uma cultura do cuidado em relação ao criador e todas as criaturas.

Conclusão

O objetivo deste escrito foi analisar a Carta Encíclica *Laudato Si'*, escrita pelo Papa Francisco, e enxergar ali, nas entrelinhas, o método “ver, julgar e agir”. Não se trata aqui de querer “ressuscitar” o método já que muitos o enterraram, mas revelar seus passos que, de forma singela, aparece no texto. O Pontífice, ao entrar em contato com as principais Encíclicas que, a partir do século XIX, se preocupavam com a doutrina social da Igreja, viu que havia, hoje, a necessidade de observar não só o mundo do trabalho, mas o lugar de onde se retira a matéria prima do trabalho: o meio ambiente. Em outras palavras, quis ressaltar a relação sustentável entre ser humano e natureza.

Como João XXIII, sem especificar o método pelo qual construiria o seu pensamento sobre “o cuidado da casa comum”, ele deixa perceber que os passos “ver, julgar e agir” ainda têm sua importância teológico-pastoral. As Cartas Encíclicas *Rerum Novarum* e *Mater et Magistra* que abriram as portas para aprofundar melhor a relação Igreja e mundo não passam despercebidas ao novo Papa, ainda que ele não as cite constantemente. De fato, as duas Encíclicas preocupadas com a relação entre a Igreja e o mundo definiam um plano de trabalho pastoral cujo intento era, não só apresentar à sociedade a doutrina social da Igreja, mas traçar caminhos práticos de inserção da fé cristã na vida quotidiana dos cidadãos.

A Igreja latino-americana pós-conciliar, na sua maioria, acolheu o método exaltado por João XXIII “ver, julgar e agir” (MM, 236) e a proposta de uma pastoral que torna prático os ensinamentos da Igreja. Muitos teólogos e agentes pastorais assumiram essa empreitada e isso se pode constatar nas CEB’s e em teologias da libertação, da esperança e outras ligadas a uma pastoral popular.

As CEB’s se preocupam com a realidade, observando as diversas situações de injustiça social; julgam ou examinam esta realidade à luz das Sagradas Escrituras e dos ensinamentos da Igreja; e, por fim, buscam saídas práticas para um justo relacionamento social. A Teologia da Libertação, da mesma forma, acolhe o método como um caminho prático no “fazer” teológico. Como estes exemplos, muitos poderiam ser arrolados aqui, porém este não é o objetivo.

O que se propôs não foi uma reflexão acerca das influências das encíclicas e da teologia latino-americana no pensamento do Papa, mas uma análise da Carta Encíclica *Laudato Si’*. Isso não impede que, ao fazer a leitura do texto, o leitor perceba traços de uma teologia onde os “vulneráveis” da terra constituem o ponto de partida. Nesta Encíclica o “vulnerável” é o planeta terra e se pode perceber que ele observa atentamente a crise ecológica e a analisa à luz da doutrina bíblica da criação, da doutrina social da Igreja e de documentos produzidos por diversas conferências episcopais. Por fim, aponta saídas inteligentes de preservação ambiental.

Graças à tradição e a opção pelos mais pobres, a *Laudato Si’* tem uma visão profética que a maioria dos responsáveis políticos não tem. O texto produzido pela conferência do clima mostra isso. Apesar de Laurent Fabius, presidente da COP 21 ter visto com bons olhos o encontro, o que se pode dizer, à luz da Carta de Francisco é que as discussões sobre o futuro da vida no planeta, mais uma vez ficaram em segundo plano, cedendo lugar aos paliativos adotados pela macroeconomia mundial. A economia internacional dá as cartas às políticas nacionais fazendo entender que todo o desenvolvimento é econômico apesar das mudanças climáticas. De fato, é difícil pensar que representantes de 195 países foram a Paris para constatar que a mudança climática representa uma ameaça ao ser humano e ao planeta. Mais. Para dizer que o aquecimento global deve ser mantido a baixo de 2º. C, que os países ricos repassem, a partir de 2020, uma anuidade de 100 milhões de dólares aos países menos desenvolvidos para que adquiram conhecimento científico e tecnológico e que os países mais afetados pelas mudanças climáticas sejam ressarcidos por países mais industrializados.

A reflexão de Francisco abre espaço para um debate muito maior e o método “ver, julgar e agir” pode ajudar a conscientizar mais sobre a gravidade da

crise ambiental. O seu texto, sem que ele mencione o método, apresenta linhas de ação. Sob o movimento do “ver”: a natureza é tomada como vulnerável e sua exploração poderá chegar às últimas consequências para a humanidade. Sob o movimento do “julgar”: analisa a crise ambiental, principalmente no que se refere às mudanças climáticas, e procura sentir a mesma misericórdia que Jesus sentia ao lidar com os mais pobres. Sob o movimento do “agir”: se empenha na busca de ações que levem a uma consciência global e integral e valorize o diálogo, a educação e a espiritualidade.

Para finalizar, cabe aqui falar sobre as fontes. Priorizou-se o documento do Papa, *Laudato si'*, não só pelo fato de ser o objetivo deste ensaio, mas por ser uma reflexão urgente, por isso foram consideradas outras referências. Neste documento Francisco mostra o quanto a Igreja pode contribuir conscientizando criticamente não só os fiéis católicos, mas todos aqueles que se preocupam com a “nossa casa comum” e sabem que a crise ecológica pode se estender às gerações futuras se não houver uma ação transformadora por parte dos seres humanos.

Referências

BEOZZO, Oscar (org.) *Curso de Verão: Ano XX: Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Leonardo. *A Fé na Periferia do Mundo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CATÃO, Francisco. Documento de Aparecida: uma proposta teológica? *Ciberteologia, Revista de Teologia & Cultura*, ano III, n. 14, p. 60-67, nov./dez. 2007.

JUNGES, José Roque. *Ética Ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

JONAS, Hans. *O Princípio Vida*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 119.

LONERGAN, Bernard. *Metodologia em Teologia*. São Paulo: É Realizações, 2012.

LOVELOCK, James. *A Vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

SOUZA, José Neivaldo. *Imagem Humana à Semelhança de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2010.

Cartas Encíclicas:

JOÃO XXIII. *Ad Petri Cathedram*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_29061959_ad-petri.html>. Acesso em: 26/12/2015.

JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>. Acesso em: 17/11/2015.

LEÃO XIII. Disponível em: <*Rerum Novarum*.http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acesso 17/11/2015.

José Neivaldo Souza é doutor em teologia (Universidade Gregoriana de Roma), mestre em Filosofia (Angelicum Roma) e mestre em Psicologia Clínica (Universidade Tuiuti do Paraná).

Endereço: Rua Padre Anchieta, 1923, cj 806, Bigorrilho,
80730000 Curitiba – PR
nei_valdo@yahoo.com.br